

O texto é muito rico quer de colheita do pensamento e da obra do biografado quer de interpretação e reflexão da sua autora. Dada a polivalência da personalidade do mesmo biografado resulta difícil arrumar este livro simplesmente nesta secção de Biografia. Na verdade, ele bem poderia inserir-se na de Espiritualidade ou de Pedagogia ou de Ciências Sociais. Um livro que se recomenda particularmente aos leigos empenhados na luta pelo reino de Deus, e especialmente no terreno da educação.

GABRIEL DE LIMA

ESPIRITUALIDADE

CENCINI, Amedeo, **La verdad de la vida. Formación continua de la mente creyente**, «col. «Pensar y creer», encadenado, San Pablo (www.sanpablo.es), Madrid, 2008, 622 p., 210 x 135, ISBN 978-84-285-3332-4.

Se a espiritualidade, qualquer que seja, carece de ter por base o cultivo dos valores humanos, este livro cumpre plenamente essa regra. O valor humano que nele está em jogo é o da verdade. Por suposto, não a verdade puramente teórica, mas a verdade em toda a sua amplitude de sentido, com relevo para a verdade existencial ou, como se diz no título, a «verdade da vida». O livro foi escrito com destino aos sacerdotes e aos consagrados e consagradas em geral. Viver na verdade implica, no caso, coisas como: ser coerente; não apenas professar e ensinar a verdade, mas, antes disso, *ser verdadeiro*: nas palavras, nos sentimentos, no rosto, nos gestos, no celebrar, e assim sucessivamente.

O livro divide-se em três partes. Na primeira, o autor, começando por apresentar narrativamente uma série de casos típicos,

analisa o que designa como a verdade no meio do mar da falsidade. A propósito, aborda realidades e temas do nosso universo cultural e eclesial, como pensamento débil, verdade débil, e pastoral débil, bem como diversos reducionismos atinentes. Coloca a questão: ¿Que formação para a verdade? Descreve o que chama «as áreas da dúvida», versando coisas como: auto-identidade e auto-realização; dificuldades na experiência de Deus (a prova, a difícil obediência...); conhecimento de si e tensão da santidade (presunção clerical-religiosa, temor em face da verdade, pecado e santidade, vícios do voluntarismo, do moralismo, e do protagonismo, canonização da mediocridade), o misterioso mundo da afectividade e da sexualidade.

A segunda parte leva por título a pergunta de Pilatos: «Quid est veritas?» e está subdividida em três capítulos. No primeiro apresenta as notas da verdade humana como tal. Ela é relacional, não só racional; bela e boa, não só verdadeira; misteriosa, atractiva e exigente; não existe em abstracto, mas no ser humano verdadeiro; que todavia jamais coincide com ela, mas vive na sede e procura dela; não é só para crer, mas para fazer, sofrer, anunciar e gerar; mostra-se, mais que se demonstra; não prescinde do amor; tem a sua debilidade, por mais que seja incondicional e para sempre. O segundo capítulo trata da verdade cristã. Fá-lo explorando particularmente algumas dicas de Jesus a Pedro, coisas desconcertantes para a perspectiva meramente humana, mas que representam a especificidade da verdade cristã. E com isso chega ao terceiro capítulo, que versa precisamente sobre «a verdade crucificada» ou o mistério da cruz na vida do discípulo de Cristo.

A terceira parte incide sobre «o caminho da verdade». O primeiro capítulo

versa o conhecimento da verdade ou a formação permanente, quer ordinária (na base das leituras bíblicas quotidianas) quer extraordinária ou da actualização de conhecimentos. O segundo capítulo trata da experiência, sugerindo coisas como o saber «escrever» a vida ou o assumir a mesma vida como história sagrada. O terceiro e último recai sobre a sabedoria, com seus elementos constitutivos, e a propósito da qual versa o tema da inculturação.

O autor é licenciado em Ciências da Educação pela Universidade Salesiana, onde lecciona pastoral vocacional, e doutorado em Psicologia pela Gregoriana. O livro, com encadernação e sobrecapa, tem uma excelente apresentação gráfica.

RAUL AMADO

LOUF, André, **Escuela de contemplación. Vivir según el «sentir» de Cristo**, Narcea Ediciones (www.narceaediciones.es), Madrid, 2008, 140 p., 210 x 135, ISBN 978-84-277-1588-2.

André Louf é um monge trapista da abadia de Mont-des-Cats, na Bélgica. A sua longa experiência da vida contemplativa inspirou-lhe esta «escola de contemplação», em que se propõe ensinar os caminhos, as alegrias e os frutos da vida em íntima união com Deus. Não fala apenas para outros monges. A sua mensagem destina-se a toda a gente que queira fazer esta experiência de intimidade contemplativa, que é o viver segundo Jesus e «sentindo» Deus.

O autor aborda sucessivamente: a experiência espiritual, a vida contemplativa, a vida em comum como escola de caridade, a fraternidade comunitária, o valor apostólico da vida contemplativa, o sentido e o valor da solidão e a solidariedade com a

Igreja toda, vida monástica e ecumenismo, a escola dos salmos, o amor como valor supremo.

Um livro para ler devagar, saboreando e aprendendo a sentir a proximidade de Deus e a grande riqueza que isso constitui para a vida de uma pessoa e para a vida do mundo.

RAUL AMADO

SEQUERI, Pierangelo, **Sacramentos, signos de gracia. Itinerario para redescubrirlos**, Narcea Ediciones (www.narceaediciones.es), Madrid, 2008, 100 p., 210 x 135, ISBN 978-84-277-1583-7.

Os sacramentos, que são em si mesmos os principias canais da graça, tornam-se facilmente e por vezes sistematicamente, ou ritos vazios ou então fórmulas mágicas, ora desviados do seu verdadeiro sentido ora desvirtuados do seu real valor. Neste livro A. Sequeri propõe-se ajudar a redescobrir aquele, em ordem à preservação e ao incremento deste, ultrapassando o desgaste da rotina e superando a vacuidade da recepção dos sacramentos por mero convencionalismo social. Daí o subtítulo «Itinerário para os redescobrir».

Sequeri é doutor em Teologia e professor de Filosofia e de Psicologia na Faculdade de Teologia de Milão. O seu livro tem, pois, lastro bastante de solidez e sumo abundante de pensamento. Não é, contudo, um livro erudito nem para eruditos. É para os pastores e para as ovelhas do rebanho de Cristo. Para meditarem e saborearem e, sobretudo, para redescobrirem uma riqueza que têm às mãos e de que tantas vezes não se dão conta.

RAUL AMADO